



verve

Caminho da anarquia ou descaminhos de vida libertária?

caminho da anarquia ou descaminhos de vida libertária?

ACÁCIO AUGUSTO

M. Ricardo de Sousa. *Os Caminhos da Anarquia. Uma Reflexão sobre as Alternativas Libertárias em Tempos Sombrios*. Coleção Anátema. Lisboa, Livraria Letra Livre, 2011, 105 pp.

Um livro curto, que discute questões atuais de uma perspectiva anarquista. Escrito pelo militante português M. Ricardo de Sousa e editado pela Livraria Letra Livre, uma pequena livraria de Lisboa que publica escritos de divulgação e de crítica libertária. O livro compõe a coleção Anátema, que objetiva dar vazão às questões atuais desde uma perspectiva anarquista. Por sinal, belíssima edição com papel de qualidade, formato de bolso e linda capa que instiga o contato e interesse do leitor. Com texto fluído, trata-se de um livro de interessante tanto para pessoas pouco versadas no assunto quanto para quem acompanha as conversações no universo ácrata.

No longo ensaio de apresentação, Octavio Alberola – militante anarquista que lutou entre os espanhóis contra Franco, contra a ditadura cubana e ativo na imprensa libertária até hoje – discorre sobre como o anarquismo possuía uma relevância social volumosa no final do século XIX e começo do século XX, e como essa capacidade de pautar artistas, jornalistas, cronistas foi arrefecendo ao

Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol, mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor substituto no Departamento de Política da PUC-SP e professor de Ciência Política e Sociologia no curso de Relações Internacionais da Faculdade Santa Marcelina. Contato: estadoalterado@yahoo.com.br.

verve, 23: 201-206, 2013

201



longo das décadas até hoje. Lembra o impacto da derrota na Revolução Espanhola e da retomada da pertinência das proposições libertárias com o acontecimento 68. A despeito dessa decrescente influência, o anarquismo, para Alberola, é a única força política capaz de responder às urgências atuais, na medida em que capitalismo e socialismo se mostraram desastrosos ao longo do século XX.

Defende, enfim, que se o capitalismo continua a gerar imensa miséria em toda parte do planeta, e mesmo que o discurso anticapitalista tenha hoje pouco volume e expressão, é tarefa dos anarquistas apresentarem alternativas imediatas diante do fracasso de seus opositores liberais e socialistas. Segundo observa, “até o sindicalismo, que se pretende, e reclama, revolucionário, está obrigado – se quer ter uma existência significativa no seio das classes trabalhadoras – a reivindicar melhorias imediatas e a opor-se à perda de direitos adquiridos nas lutas passadas, a defender as conquistas já obtidas e a defender os postos de trabalho, etc.”. Conclui mais adiante que, “sem o desejo de melhorar as sociedades, ainda que progressivamente, não teria sido possível aspirar a Revolução” (p. 22). O texto de Sousa segue esse tom ao apresentar o anarquismo contemporâneo como uma alternativa viável aos anseios das pessoas no mundo.

Sousa inicia sua argumentação apontando uma mudança no cenário internacional das lutas por emancipação causadas pelo fim da Guerra Fria e o aparecimento da globalização. Enfatiza que essas transformações nos impelem a questionar a relevância social do anarquismo hoje e, com isso, atentar para o esgotamento do anarcosindicalismo após a derrota na Espanha, em 1939. Segundo Sousa, é necessário notar a pertinência do anarquismo diante das atuais lutas ecológicas e os problemas relativos às questões



Caminho da anarquia ou descaminhos de vida libertária?

da vida urbana, em especial nas grandes metrópoles. Esses problemas explicitam a fúria capitalista e a necessidade de se lutar contra ele. Aponta como causas do recuo do movimento anarquista a vitória ideológica e militar do leninismo entre as classes populares, em especial depois da Revolução Espanhola; a emergência do terror de Estado, com ditaduras no mundo todo após a II Guerra Mundial, em especial nos países da América Latina, mas também em Espanha, Portugal e Grécia; as transformações do capitalismo no começo do século XXI.

Observa a retomada do libertarismo nos anos 1960, e ressalta sua relevância enquanto a construção de uma crítica à sociedade industrial e de consumo, trazendo à tona temas da cultura libertária no campo das lutas sociais, como o pacifismo, a ecologia, a contracultura, o comunitarismo. Mas vê nos desdobramentos dessas lutas pouca relevância para o movimento anarquista, pois, para o autor, essa experiência apenas gerou um estilo de vida hedonista e juvenil, para o qual a maior expressão são os *punks*, no final da década de 1970. Conclui que essa experiência somente gerou “mais um estilo formal esteticista do que a adesão a uma cultura de contestação e resistência ao sistema” (p. 59). Conclusão que o leva a lamentar a incapacidade do anarquismo de retomar sua relação histórica com os movimentos sociais, em especial com os trabalhadores assalariados.

O lamento diante dessa constatação leva Sousa a conclusões um pouco apressadas, como esta: “Se num primeiro momento o sindicalismo e o anarquismo conseguiram apropriar-se da tecnologia da imprensa e a partir dela construir uma cultura operária e libertária, o mesmo processo não ocorreu em relação ao rádio, à televisão, ao vídeo e agora



em relação à informática” (p. 63). Afirmação que não parece tão precisa, ao menos nesse lado sul do hemisfério. Para citar dois breves exemplos, o Nu-Sol, há mais de cinco anos produz conteúdo explicitamente libertário para o canal da TV universitária de São Paulo, além de vídeos e conteúdo eletrônico regular de periodicidade semanal e mensal (ver www.nu-sol.org). O último livro de Daniel Barret (Rafael Spósito), resenhado no número 21 da *verve*, faz um imenso inventário da presença anarquista na web, em especial com iniciativas como a *Rede Anarqlat*, mantida pelos militantes venezuelanos do *El Libertario*.

Mas Sousa, em outro ponto, é bastante convincente, tanto ao mostrar o quão inócuo são os casos de brigas e vaidades pessoais no interior do movimento (pp. 68-69), quanto ao apontar que não existe para os libertários uma questão de “o que fazer”, na medida em que o anarquismo se faz na capacidade de expandir uma cultura libertária (p. 67). Talvez o que seja um tanto apressado é afirmar essa cultura libertária como alternativa ao niilismo atual, pois não se trata apenas de constatar “a incapacidade organizativa, a reduzida atuação dos anarquistas nos movimentos sociais” (p. 71), e concluir que, em alguns casos, “o anarquismo tornou-se uma mera reflexão acadêmica sem qualquer conteúdo de crítica social ou, ainda, um niilismo chique para consumo da classe média intelectualizada” (p. 74). É preciso considerar a diversidade de iniciativas ao mesmo tempo em que é necessário admitir que uma cultura libertária não pode estar submetida à realização de uma revolução social. Ademais, dentre as transformações contemporâneas, o papel da universidade numa sociedade de intensa produção intelectual e informacional não deve ser desprezado pelos libertários. O que não invalida, de



Caminho da anarquia ou descaminhos de vida libertária?

modo algum, tomar essa consideração de Sousa como um alerta, especialmente quando relacionado a um ambiente de vaidade, prestígio e rivalidades como a universidade. Mas também nisso a cultura libertária é potente em expor oportunistas, carreiristas e demais espertinhos de plantão. E de qualquer maneira, o radical chique não é monopólio dos que se dizem libertários, atinge igualmente marxistas e pós-modernos de todas as cores e tamanhos.

O risco maior está em considerar a anarquia ou a cultura libertária como um caminho, mesmo que esse seja alternativo, podendo assim, expor suas experiências como alternativas às próprias vicissitudes e transversalidades do capitalismo atual. Não há como discordar de Sousa sobre a necessidade dos libertários em abandonar o mito da revolução e olhar para temas atuais como ecologia, algo que outros autores já defendem de perspectivas diversas. Mas é preciso estar atento para não fazer com que essa necessária sintonia com o mundo de hoje não leve os anarquistas a compor com as lutas por melhorais sociais e ecológicas, numerosos empregos ou busca por qualidade de vida, como já ocorre, entre alguns intérpretes, ao aproximarem a luta libertária aos atuais protestos mundiais, como o *Occupy Wall Street*, dos estadunidenses, ou os *Indignados*, dos jovens espanhóis.

Sousa conclui com uma proposta de viver “fora do sistema” (p. 100), buscando alternativas de produção cooperativa e vida comunitária, inspirado na experiência de italianos no Brasil em torno da Colônia de Cecília, no estado do Paraná. Essa “estratégia de criação de espaços libertários” não deixa de ser instigante e de intensa sintonia com a cultura libertária. Mesmo que vista com desconfiança ao longo da história por destacados militantes como Malatesta, essas iniciativas remetem tanto aos Falanstérios de Fourier,



quanto às associações de produção de Proudhon. Trata-se, inclusive, menos de busca por cooperação na produção e comunitarismo na vida, e sim de práticas do salutar associativismo, próprio da cultura libertária. O risco nesse caso é apenas o isolamento e a criação de um clube de memória desvinculado das lutas atuais, como já acontece, ao menos no Brasil, com diversos centros históricos dos anarquistas.

Não há caminho que leve à anarquia. As vitórias, derrotas, avanços, recuos e transformações que os libertários imprimem no mundo em meios às suas lutas fazem parte dos descaminhos de uma vida libertária, que é luta sem fim, que não cessa. Oxalá espaços como os propostos por Sousa ao final do livro se multipliquem pelo planeta, expandindo a presença ininterrupta de anarquistas, essa pereba negra nas palavras de Christian Ferrer, em todo o mapa. Mas que essa não seja a única prática, mas uma entre muitas, de uma cultura libertária que não se ocupe em melhorar o ambiente no mundo, mas que transforma, sobretudo, o sujeito e sua maneira de estar no mundo: nas cidades, nas universidades, nos bairros, nas cooperativas... Como afirmou certa vez Faure, todo aquele que recusa a autoridade, e luta contra ela, é um anarquista. Essa contestação à autoridade, por prescindir de determinismos históricos e conjunturas políticas, pode irromper a qualquer momento, em qualquer espaço, alterando completamente o estado das coisas, como fizeram os jovens libertários em 68, o que ninguém foi capaz de prever, pois se tratava, sobretudo, de uma atitude diante do intolerável e do prazer em estar vivo, atento e forte nesse mundo.